

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 35 No. 2 Maio – Agosto 2022

ARTIGO

## MATERIAIS PERECÍVEIS, IDEIAS DURADOURAS: A CESTA E O CÍRCULO CONCÊNTRICO

Mariana Zanchetta Otaviano\*, José Ronaldo Kapinawá\*\*, Viviane Maria Cavalcanti de Castro\*\*\*,  
Alencar Miranda Amaral\*\*\*\*

### RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa desenvolvida em colaboração com pessoas do povo indígena Kapinawá, tendo como preceito incluir vozes historicamente silenciadas em práticas arqueológicas não inclusivas e problematizar a validade dos múltiplos caminhos de entendimento dos contextos arqueológicos. A ideia inicial é mostrar que a realidade é entendida de múltiplas formas podendo existir caminhos e olhares distintos para interpretar um contexto arqueológico. Para a realização deste trabalho desenvolvemos a ideia de estratigrafia das vozes, abordamos os sítios arqueológicos com registros rupestres presentes na TI Kapinawá, discutindo não apenas como esses espaços se associam a história e identidade do grupo, mas também apontando como os grafismos rupestres e a cestaria se entrelaçam na perspectiva Kapinawá.

**Palavras-chave:** arqueologia do presente; povo Kapinawá; memória; registros rupestres.

\* Doutoranda pelo programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [mariana.otaviano@ufpe.br](mailto:mariana.otaviano@ufpe.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0002-4587-5535>.

\*\* Graduado em pedagogia pela FACECO, especialista em Arqueologia Social Inclusiva pela URCA - Universidade Regional do Cariri, professor e guia turístico. E-mail: [ronaldosique2014@gmail.com](mailto:ronaldosique2014@gmail.com).

\*\*\* Docente do curso de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: [viviane.castro@ufpe.br](mailto:viviane.castro@ufpe.br). ORCID <https://orcid.org/0000-0001-7841-448X>.

\*\*\*\* Docente do curso de Arqueologia e Preservação Patrimonial da Universidade Federal do Vale do São Francisco. E-mail: [alencar.amaral@univasf.com](mailto:alencar.amaral@univasf.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2689-1847>.

## PERISHABLE MATERIALS, LASTING IDEAS: THE BASKET AND THE CONCENTRIC CIRCLE

---

### ABSTRACT

This work is the result of research developed in collaboration with Kapinawá indigenous group, with the precept of including historically silenced voices in non-inclusive archaeological practices and problematizing the validity of the multiple paths of understanding archaeological contexts. The initial idea was to show that reality is understood in multiple ways and there may be different ways and views to interpret an archaeological context. In order to carry out this work, we developed the idea of stratigraphy of voices, we approach the archaeological sites with rupestrian art present in the Kapinawá's territory, discussing not only how these spaces are associated with the group's history and identity, but also pointing out how the rupestrian graphics and basketry intertwine in the kapinawá perspective.

**Keywords:** archaeology of the present; Kapinawá people; memory; rock art.

## MATERIALES PERECEDEROS, IDEAS DURADERAS: LA CESTA Y EL CÍRCULO CONCÉNTRICO

---

### RESUMEN

Este trabajo es el resultado de una investigación desarrollada en colaboración con personas de la comunidad Kapinawá, con el precepto de incluir voces históricamente silenciadas en prácticas arqueológicas no inclusivas y problematizar la vigencia de las múltiples vías de comprensión de los contextos arqueológicos. La idea inicial era mostrar que la realidad se entiende de múltiples formas y puede haber diferentes formas y puntos de vista para interpretar un contexto arqueológico. Para la realización de este trabajo, desarrollamos la idea de estratigrafía de voces, nos acercamos a los sitios arqueológicos con registros rupestres presentes en la TI de Kapinawá, discutiendo no solo cómo estos espacios se asocian con la historia e identidad del grupo, sino también señalando descubra cómo los gráficos rupestres y la cestería se entrelazan en la perspectiva kapinawá.

**Palabras clave:** arqueología del presente; pueblo Kapinawá; memoria; arte rupestre.

## ESTRATIGRAFIA DAS VOZES

Este trabalho foi realizado no âmbito do Programa de Pós-graduação em Arqueologia na Universidade Federal de Pernambuco e envolveu o povo indígena Kapinawá<sup>1</sup> para a elaboração de um entendimento que abrangesse tanto os preceitos desenvolvidos dentro da academia quanto a inclusão de discursos acadêmicos, de vozes que até então foram silenciadas em práticas arqueológicas não inclusivas.

A ideia inicial desta pesquisa é mostrar que a realidade é entendida de maneiras diferentes, podendo ser múltiplos os caminhos de compreensão de um contexto arqueológico (JOHNSON, 2000; MERRIMAN, 2004; HODDER, 2008; SILVA, 2012; BOADO, 2012; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2017). Nesta perspectiva foi elaborada uma proposta que visa registrar como os sítios arqueológicos em território indígena são percebidos e interpretados por seus moradores.

Desse modo, esta pesquisa tem como objetivo específico investigar como os sítios arqueológicos presentes no território indígena Kapinawá<sup>2</sup> têm sido apropriados pela comunidade e como estes contribuem para a formulação de significados e construção de conhecimentos.

Nesse caminho foi desenvolvida a ideia de “estratigrafia das vozes”, assumindo assim, que os mais variados discursos existem, mas eles acabam sendo soterrados por outros. Como em uma leitura estratigráfica, pode-se perceber que os enunciados e conhecimentos científicos estão nas camadas mais rasas. Sendo eles os mais novos, se sobrepondo aos demais conhecimentos.

Ao “escavar” esses discursos, encontramos nas camadas subsequentes do conhecimento científico, outras formas de interpretar e conhecer. Os conhecimentos existem, mas, devido a uma lógica ocidental acadêmica, que por vezes não admite a sabedoria tradicional como válida, eles acabam sendo silenciados.

Realizar essa escavação metafórica para evidenciar outras formas de ser e entender o mundo parte do pressuposto de que o pesquisador escolhe suas metodologias, suas categorias de análise e conduz a pesquisa. A participação de outros grupos é fundamental para que essas vozes sejam evidenciadas, entretanto assumimos que, por mais que uma simetria tente ser estabelecida, estamos dentro de instituições que, por si só, estabelecem assimetrias de poder. Portanto, consideramos que a perspectiva da multivocalidade, como defendida por González-Ruibal (2017), é relevante para a construção de um saber mais democrático e aberto para as interpretações das comunidades locais, como no nosso caso, o povo indígena Kapinawá. De acordo com González-Ruibal (2017):

Uma correta aproximação multivocal deve celebrar as culturas das margens, mas tem que oferecer também reflexão e análise sobre as apropriações locais do patrimônio, sobre os direitos sobre a terra e o passado, sobre a criação de novas identidades, sobre o papel do

---

<sup>1</sup> A Terra Indígena Kapinawá está localizada entre o sertão e o agreste pernambucano, especificamente em terras dos municípios de Buíque, Ibimirim e Tupanatinga.

<sup>2</sup> Atualmente o grupo indígena Kapinawá possui 18 aldeias demarcadas e homologadas dentro da Terra Indígena: Santa Rosa, Areia Grossa, Maniçoba, Maçaranduba, Macaco, Palmeira, Julião, Mina Grande, Coqueiro, Riachinho, Pau-Ferro Grosso, Carnaúba, Tabuleiro, Cajueiro, Ponta da Vargem (Várzea), Quiri d'Alho, Lagoa e Marias Pretas. Na “área nova”, onde ainda está sendo pleiteado o território, são sete aldeias: Baixa da Palmeira, Caldeirão, Colorau, Malhador, Dor de Dente, Batinga e Cumbê. Entretanto, após a realização de nossas entrevistas com a comunidade Kapinawá, nos foi informado, por meio de relatório oral, passado pelo cacique Robério, que atualmente são 33 o número de aldeias, às que já foram mencionadas pode-se somar ainda: Igrejinha, Serrote 1, Serrote 2, Aldeia Flor, Ferrão, Mundubi, Salgado e Pedra Preta.

conhecimento arqueológico em tudo isso. (GONZÁLEZ-RUIBAL, 2017, p. 22).

Do mesmo modo, entendemos que há uma vida social dos objetos arqueológicos no contemporâneo, e essas relações simbólicas, que são estabelecidas entre pessoas e coisas, devem ser pesquisadas também pela arqueologia, trazendo assim, para o debate, as questões relacionadas ao papel da cultura material no contemporâneo.

É nessa perspectiva da incorporação de outros conhecimentos e outras formas de entender o mundo nos discursos que alguns pesquisadores têm somado esforços para que as vozes das comunidades sejam incorporadas nos discursos com relação ao seu patrimônio arqueológico (GNECCO 2012; CABRAL, 2014).

Sendo assim, no caminho para compreender como pessoas não arqueólogas se relacionam com os espaços e as coisas por nós classificadas como arqueológicas, trabalhamos com três líderes da Aldeia da Mina Grande (aldeia sede do Povo Kapinawá): Maria Beserra da Silva, a Dona Mocinha Kapinawá, uma das líderes da comunidade Kapinawá, que, mesmo jovem, participou do processo de reconhecimento indígena. Dona Mocinha é também agente de saúde e trabalha no posto médico da aldeia da Mina Grande.

Maria das Dores de Moura, a Dona Dôra produtora rural que participou ativamente do movimento de levantamento da aldeia junto com seu marido, o Sr. Arlindo Kapinawá (falecido em 2020), que foi um dos líderes do processo de reorganização social e cultural dos Kapinawá.

Na etapa de campo contamos com a colaboração de Araci Kapinawá, educador e professor na aldeia da Mina Grande que, juntamente com Ronaldo Kapinawá, um dos autores deste artigo, foram responsáveis pela localização dos sítios, orientando o deslocamento pela área, instigando conversas sobre aqueles lugares, sobre os letreiros, o meio ambiente, os bichos, os frutos, os ancestrais.

Nesse fazer arqueológico, para além da academia, refletimos sobre o quanto o desenvolvimento da arqueologia no Brasil foi, ao longo de anos, desconectado das populações indígenas. Sobre esta questão, de acordo com o relatado por Fabíola Andréa Silva (2015), entende-se que

na primeira metade do século XX, a arqueologia vai se constituindo como uma disciplina interessada na pré-história das populações e consolida-se no âmbito acadêmico, com a criação de centros de pesquisa, de investimento na capacitação profissional e de campanhas preservacionistas. As décadas de 1950 e 1960 se caracterizaram pela presença de pesquisadores franceses e norte americanos que contribuíram para uma formação tecnicista de uma primeira geração de arqueólogos brasileiros. O legado desta formação foi a construção de um passado indígena pré-colonial que não se conectava com as trajetórias histórico-culturais das populações indígenas no presente. Os arqueólogos – com algumas exceções – foram se alienando dos conhecimentos produzidos pela história, linguística e etnologia e, ao mesmo tempo, se colocavam distantes das questões relacionadas com as lutas dos povos indígenas (SILVA, 2015, p. 191-192).

Desse modo, buscamos trazer aqui tanto as perspectivas arqueológico-acadêmicas quanto as perspectivas do povo indígena Kapinawá na tentativa de uma compreensão holística do espaço por nós chamado de sítio arqueológico e na pretensão de romper com as formas usualmente praticadas de construção do conhecimento arqueológico.

Nesse sentido, optamos fazer, conforme propõe o arqueólogo Cristóbal Gnecco em suas notas intempestivas sobre a multiculturalidade e a arqueologia, um distanciamento destas ideias multiculturais de diversidade, que elimina especificidades históricas, assimetrias e relações de poder e promove identidades exóticas e nos aproxima dos discursos de alteridade, observando antagonismos e tensões (GNECCO, 2012, p. 99).

Em relação à metodologia aplicada nesta pesquisa, realizamos conversas com representantes do Povo Kapinawá e levantamento imagético *in loco* dos sítios arqueológicos de registro rupestre no Território Kapinawá e no PARNA do Catimbau em companhia de moradores do Território Indígena. Partindo de uma perspectiva multivocal (HODDER, 2008; GONZÁLEZ-RUIBAL, 2017), reconhecemos que, embora as interpretações do registro arqueológico sejam sempre possíveis narrativas, elas podem inclusive mostrar dissonâncias e gerar frustrações, o que nesse sentido, aproxima a disciplina das questões sociais.

Inicialmente foi realizada uma tentativa adaptada da Instalação Etnográfica, ideia desenvolvida por Castañeda (2008), promovendo conexão entre arqueologia e etnografia, levando a uma integração de métodos etnográficos para a prática arqueológica partindo do diálogo entre o conhecimento do passado e os contextos sociais do presente (CASTAÑEDA *apud* ALFONSO, 2012, p. 198).

Esta perspectiva etnográfica aplicada à arqueologia também traz questões inerentes à etnoarqueologia, já que

na perspectiva pós-processual, a busca pela generalização e por princípios gerais do comportamento humano foi transposta na tentativa de apreender a sua diversidade. O objetivo de utilizar dados etnoarqueológicos para elaborar analogias ou teorizações de médio alcance foi substituído pela tentativa de obter uma compreensão contextual e específica dos fenômenos (SILVA, 2009, p. 134).

Mais precisamente no sentido desta pesquisa, estamos de acordo temos que

atualmente, essa tem sido uma vertente da pesquisa etnoarqueológica, ou seja, alguns pesquisadores transformaram a etnoarqueologia em uma “arqueologia do presente”. O objetivo da observação é entender a relação dos homens com o mundo material no tempo presente e contribuir para o debate antropológico sobre a relação dos homens com os objetos e a materialidade. A etnoarqueologia deixa de ser uma abordagem arqueológica voltada, exclusivamente, à compreensão das populações no passado, para se transformar em uma possibilidade de entender as populações do presente em termos de suas relações com a natureza e a sobrenatureza (GONZÁLEZ-RUIBAL *apud* SILVA, 2009, p. 135).

Essa arqueologia do presente, segundo González-Ruibal (2008), não traz para o centro da discussão a necessidade de formulação de analogias para que os pesquisadores possam compreender o passado, mas apresenta uma perspectiva da etnografia para o entendimento da vida social e das relações entre pessoas e coisas.

DE “CABOCLO” A ÍNDIO: OS KAPINAWÁ, AS FURNAS E OS LETREIROS

O povo Kapinawá, assim como outros grupos indígenas no Nordeste, vivenciou problemas agrários e casos de conflitos e tensões sociais, situações que mobilizaram a comunidade em busca do reconhecimento étnico e por seus direitos. Tal como discutido em Oliveira (1999), observa-se a correlação entre o processo de construção da identidade

Kapinawá e a elaboração e implementação de uma estratégia política adotada para subsidiar sua luta territorial e por reconhecimento étnico.

De acordo com Sampaio (2011, p. 99), a etnicidade é a “produção e reprodução de uma consciência étnica social e politicamente orientada”. A questão orientadora aqui é o estabelecimento de uma consciência indígena aos moldes aceitos pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI), uma vez que, antes da denominação Kapinawá, a comunidade se reconhecia como “caboclos”, e assim fazia uma ligação com os povos herdeiros das terras que habitavam.

É profícuo salientar que, especificamente no Nordeste, a questão indígena era tratada apenas de maneira esporádica, quando da necessidade de resolução de conflitos. Essa posição também gerou repercussões no campo científico, pois pesquisadores (em diferentes áreas, para além da arqueologia) não se interessavam pelos grupos indígenas dessa região para a realização de suas etnografias, por exemplo.

Essa falta de interesse pode ser reforçada pela perspectiva do essencialismo cultural, em que a cultura seria imutável e as identidades seriam estáticas, em que a “identidade consistiria em (...) ser idêntica a um modelo, e supõe assim uma essência; enquanto a cultura seria um conjunto de itens, regras, valores, posições etc. previamente dados” (CARNEIRO DA CUNHA, 2009, p. 259).

Para o povo indígena Kapinawá, seu território, que ancestralmente já era ocupado, foi muito importante para sua própria formação étnica e, dentre outros fatores, devido à presença dos sítios arqueológicos. Segundo Palitot e Albuquerque (2002, p. 79) em seu relatório sobre os indígenas do Nordeste, os Kapinawá “afirmam que os inúmeros sítios arqueológicos existentes nas furnas da região são espaços sagrados, habitados pelos espíritos de seus antepassados.”

Os sítios arqueológicos são denominados pelos Kapinawá como Furnas<sup>3</sup>, Furnas com Letreiros, Letreiros dos Índios ou Letreiros dos Caboclos; e nestes locais, considerados sagrados e com os registros rupestres, há a materialização dos seus antepassados, mostrando suas marcas e formas de viver registradas na pedra.<sup>4</sup>

Durante o desenvolvimento da pesquisa, definimos que o trabalho seria realizado com moradores da Aldeia da Mina Grande. No território desta aldeia, existem dois espaços sagrados para os Kapinawá: a Furna dos Caboclos e o Letreiro da Mina Grande.

Na Furna dos Caboclos, o povo Kapinawá se reúne para realizar os rituais do Toré, em especial quando os encantados pedem, por meio do pajé. Por sua vez, o Letreiro da Mina Grande é um sítio de pinturas rupestres amplamente conhecido pela comunidade da aldeia. A denominação Furna dos Caboclos é utilizada pelos Kapinawá, uma vez que faz referência a um espaço ancestral, onde os antigos caboclos estiveram, e, portanto, é comum encontrar outros sítios com a mesma denominação.

---

<sup>3</sup>O termo furna, assim como toca, ou loca, são vocábulos locais adotados para designar cavidades rochosas, mas também se aplicam a abrigos sob rocha, que podem ser usados como moradia de animais, como os humanos e outros.

<sup>4</sup>“Em nosso Território, há também as *furnas*, que são espécies de cavernas que serviram tanto de moradia para os índios e as índias Kapinawá do passado que ali viviam como também de refúgio quando invadiram suas terras e eles e elas tiveram de se esconder, e até pouco recente, na época que fugiam dos fazendeiros. Em algumas dessas furnas, estão os cemitérios dos/as antigos/as índios e índias, com ossos tanto dentro de potes como enterrados no chão. Em algumas delas, há também letreiros. Essas, com os letreiros, são chamadas pelas pessoas mais velhas de *Furnas dos Caboclos*. Hoje em dia, as furnas são consideradas espaços sagrados, pois é lá que está a força e a lembrança dos nossos Encantos de Luz. São locais de conhecimentos e saberes sagrados, lugares de muitas energias positivas, onde buscamos nos fortalecer dançando o ritual” (PROFESSORAS e PROFESSORES KAPINAWA, 2016, p. 95).

Esses lugares são de importância material e simbólica para os Kapinawá. Na Furna dos Caboclos, por exemplo, há um sepultamento coletivo que, de acordo com os relatos de nossos colaboradores, estariam enterrados “antigos indígenas”, mortos em conflito com grileiros de terra. Neste mesmo local há a presença de um cruzeiro e duas pequenas estátuas, uma do Padre Cícero e outra de São Sebastião<sup>5</sup>.

A presença de um letreiro é a materialização da passagem ou estadia de algum ancestral no local. Conforme as palavras dos próprios Kapinawá, os letreiros

(...) demonstram que esses locais eram habitados já há muito tempo, é a certeza da presença de nossos antepassados e de nossas antepassadas por aqui ... Existem letreiros de várias cores: vermelho, amarelo, preto, branco e cinza. Nós não sabemos a forma que foram feitos, só sabemos que foram feitos pelos índios e pelas índias do passado que viviam aqui. Foram elas e eles que deixaram gravados e desenhados nas furnas. Esses são lugares sagrados para nós (PROFESSORAS e PROFESSORES KAPINAWA, 2016, p. 94-95).

Desse modo podemos perceber que, para além da materialidade arqueológica com a qual lidamos, os grafismos rupestres, para além da dimensão técnica, estão no domínio do simbólico.

#### O CÍRCULO CONCÊNTRICO E A CESTA

Para não nos distanciarmos das contextualizações necessárias para compreensão dos dados arqueológicos, nesta pesquisa trabalhamos com sítios arqueológicos inseridos em território indígena Kapinawá, inclusive em áreas que se estendem pelo PARNA do Catimbau<sup>6</sup>.

O Parque Nacional do Catimbau encontra-se distribuído entre os municípios de Buíque (12.438ha.) e Tupanatinga (23.540ha.) na microrregião do Vale do Ipanema, e Ibimirim (24.809ha.) na microrregião do Moxotó, Estado de Pernambuco<sup>7</sup> (IBAMA, 2002). Através do Decreto Lei N° 4.340, de 22/08/2002, ocorreu a criação do Parque Nacional. Além das belezas cênicas que compõem a geomorfologia do local e da diversidade de fauna e flora, são encontrados também sítios arqueológicos, motivo pelo qual o IPHAN o transformou em patrimônio arqueológico nacional (SILVA *et al.*, 2008).

Na área existem sítios arqueológicos que já foram o foco de algumas pesquisas (OLIVEIRA, 2001; MARTIN, 2005; AMARAL, 2007; COSTA, LIMA, 2016; SOLARI; ALVES-PEREIRA, ESPINOLA, MARTIN, COSTA, SILVA, 2016; SOLARI, SILVA, 2017). No início das pesquisas, desde a década de 1970, o interesse inicial estava nos registros rupestres. Contudo, atualmente, esses sítios também têm sido estudados no âmbito da arqueologia da paisagem, da bioarqueologia e arqueologia funerária.

Os registros rupestres dessa região foram classificados como pertencentes às tradições Agreste e Nordeste (AGUIAR, 1982, 1986), sendo que o “(...) termo Agreste se

---

<sup>5</sup> O grupo Kapinawá expressa sua religiosidade nos rituais do toré, em que costumam beber o Anjúca, o vinho da Jurema, e receber os espíritos de seus antepassados. Também são adeptos sinceros do catolicismo, festejando o seu padroeiro, São Sebastião, no final de janeiro, com novena, missa, zabumba, pífanos, e samba-de-coco (PALITOT, ALBUQUERQUE, 2002, p. 82).

<sup>6</sup> Destacamos aqui que ainda há, atualmente, lutas para que aldeias que estão no polígono do PARNA não sejam deslocadas de lá. Essas aldeias ainda não possuem demarcação.

<sup>7</sup> O Parque Nacional do Catimbau está localizado entre as coordenadas geográficas 8°24' 00" e 8°36' 35" S e 37° 09' 30" e 37° 14' 40" W (IBAMA, 2002).

deu devido à localização desses sítios em regiões de várzea, no sopé das elevações ou nas suas encostas na região do Agreste de Pernambuco e Paraíba” (AMARAL, 2007, p. 26). Nos grafismos da Tradição Agreste existem representações de animais, mas também uma predominância de figuras humanas; as imagens não possuem dinamismo e os grafismos puros são abundantes (GUIDON, 1989).

Na parte de registro dos sítios arqueológicos em campo, optamos pela dimensão temática, que é a que trata do reconhecimento das figuras, e neste caso os grafismos são divididos em reconhecíveis e puros (PESSIS, 1984, 1992, 2003). São grafismos reconhecíveis os que apresentem “(...) elementos básicos de identificação que permitem o reconhecimento dos grafismos com características antropomórficas, zoomórficas, marcas de mão e fitomorfas” (LEITE, 2018, p. 51). Já os grafismos puros são aqueles em que não existe a possibilidade de reconhecimento; e são representados por “(...) linhas, pontos, grades, círculos, triângulos, entre outros (...)” (LEITE, 2018, p. 51). Incluindo também nesta categoria os que parecem carimbos que são definidos como “(...) grafismos abstratos, simétricos, cujos traços repetidos são marcados pela precisão” (LEITE, 2018, p. 51).

Esse reconhecimento é posto como correspondente aos códigos culturais que hoje dispomos enquanto cultura ocidental, não indígena, podendo também ser denominados como sinais ou figuras geométricas.

Em outras perspectivas de análise, os grafismos puros podem ser classificados como “não figurativos” e para “(...) trabalhar com os registros não figurativos da arte rupestre devemos ter sempre em mente que trabalhamos, acima de tudo, com expressões simbólicas as quais não temos o conhecimento de seus significados” (GUEDES, 2014, p. 14). Essas classificações morfo-temáticas fazem parte de uma metodologia de estudo desenvolvida para que os registros rupestres pudessem ser categorizados e para que os estudos seguissem uma orientação de agrupamento, pressupondo que determinados grupos étnicos produzissem as mesmas expressões gráficas.

Entretanto, fato é que, algumas pesquisas vêm questionando a ideia/método de associar estilos de expressão gráfica (tradições) e etnias (PROUS, 1999; RIBEIRO, 2006). Em relação a esta questão, Andrei Isnardis (2009, p. 58) faz uma reflexão de que pode haver compartilhamento de elementos culturais entre povos distintos, como o caso de compartilhar “aspectos de uma mesma tradição”. Isnardis denomina de “(...) compartilhamento de repertório cultural.”

E ainda:

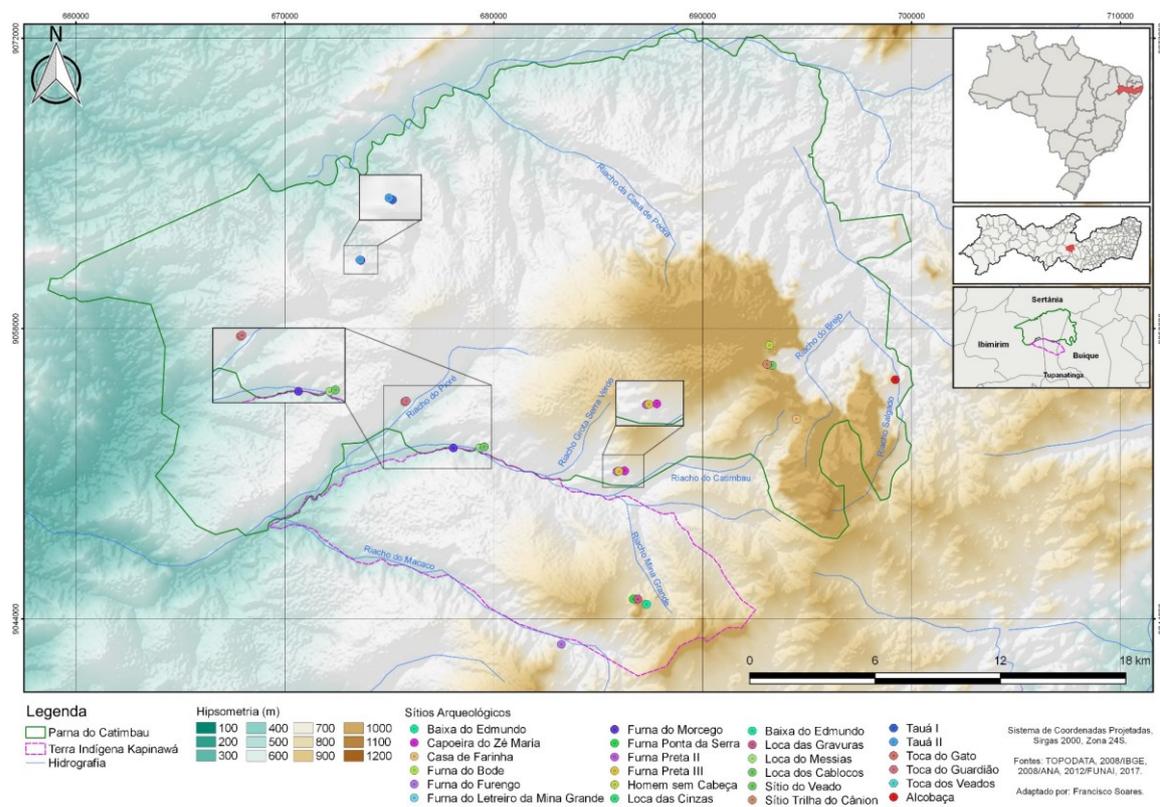
O repertório é formado pelos cânones de grafia e pelo conjunto de ideias que os motiva, os estrutura e por meio deles se expressa. Pode ser que o único repertório compartilhado pelos grupos de autores em questão seja aquele diretamente ligado àquela expressão gráfica. Dois grupos de pessoas poderiam realizar pinturas rupestres muito semelhantes por compartilharem, por exemplo, um conjunto de narrativas míticas que são retratadas ou de algum modo expressas naquelas pinturas (ISNARDIS, 2009, p. 59).

Pensar que os registros rupestres, por mais semelhantes que sejam, não necessariamente foram feitos pelo mesmo grupo implica problematizarmos questões relacionadas à multiplicidade de grupos e como uma continuidade étnica não se sustenta para análise de questões da arqueologia, por exemplo.

Sendo assim, a construção de denominações para análises de registros rupestres diz muito mais sobre a própria pesquisa arqueológica e seus métodos do que sobre as pessoas que fizeram aqueles registros.

Ainda em relação ao registro dos sítios arqueológicos em campo as anotações foram realizadas em fichas individuais, uma para cada sítio. Além disso, constavam também informações como as coordenadas geográficas do local, a cidade em que ele se localiza, a cota altimétrica, a posição em relação ao Norte, a bacia hidrográfica e o rio mais próximo. Todos esses dados são importantes para pensar lugares de preferência para escolha dos locais a serem registrados, como eram as técnicas e as tintas utilizadas, quais suportes rochosos eram desfrutados. Partindo destas questões técnicas e práticas, temos um arcabouço para elaborar inferências sobre a cultura e a organização das pessoas que por ali passaram.

Além de recolher as informações em relação aos sítios com registro rupestres, foi realizado um extenso registro imagético. Como mencionado anteriormente, ao longo do trabalho de campo, Ronaldo Kapinawá e Araci Kapinawá conduziram o processo de identificação dos sítios e compartilharam seus conhecimentos sobre aqueles lugares. Foram registrados 24 sítios locais: 14 de pinturas, 8 com pinturas e gravuras, e um sítio (Alcobaça<sup>8</sup>) que apresenta pinturas, gravuras e enterramentos (Figura 1). Na Furna Sagrada<sup>9</sup> existem, além de um enterramento, inscrições contemporâneas.



**Figura 1.** Mapa com a dispersão dos sítios pesquisados. Fonte: Otaviano (2019).

Pensar nessa multiplicidade de significações traz para o estudo dos registros rupestres diferentes oportunidades de inferências, considerando que um mesmo desenho pode ter diferentes significados para pessoas de grupos diferentes. Essas diversas

<sup>8</sup> O sítio Alcobaça foi escavado na década de 1990 e seus vestígios geraram diversos estudos (NASCIMENTO; ALVES; LUNA, 1995-1996; MARTIN, 2005; LIMA, 2009; OLIVEIRA, 2001, 2006).

<sup>9</sup> A localização da Furna Sagrada não se encontra no mapa por solicitação de um dos membros que participou da pesquisa.

possibilidades nos fazem olhar para o registro arqueológico e pensar as várias alternativas para analisar os grafismos que estão na rocha. Na dificuldade de acessar um código ou repertório cultural, inferências são feitas baseadas em analogias etnográficas (WYLIE, 1985; LEWIS-WILLIAMS 2004; MITHEN, 2002), buscando dar uma explicação para as materialidades que encontramos em contexto arqueológico. Essas inferências são importantes para se pensar nas possibilidades do que poderia ser e não necessariamente no que foi.

O círculo concêntrico é uma imagem que apareceu com frequência nos sítios arqueológicos estudados nesta pesquisa. A recorrência de uma forma nos despertou várias possibilidades, pois foi na materialidade que os sentidos se tornaram palpáveis.

Durante os trabalhos de campo, enquanto fazíamos os registros e medições dos sítios, conversávamos sobre nossas experiências, e para os autores não indígenas deste trabalho esse era um momento privilegiado para ouvir o colega Ronaldo Kapinawá contar histórias sobre sua infância e sobre suas relações com aqueles espaços.

Fomos aos sítios “Furna dos Veados”, sítio “Guardião” e na “Toca do Gato”, todos localizados na área da aldeia Quirida’alho, na zona de amortecimento do PARNA do Catimbau. Enquanto parte da equipe fazia os registros do sítio Guardião, que possui alguns círculos concêntricos, o Ronaldo Kapinawá se afastou do paredão. Quando ele voltou para o sítio trouxe consigo alguns galhos e trabalhou lá mesmo, com seu canivete. Quando percebemos, vimos que ele estava fazendo uma cesta.

Ronaldo nos disse que aprendeu a trabalhar as fibras das plantas desde criança e que quase todos os Kapinawá sabem fazer objetos com elas. O chapéu feito da fibra do caroá (*Neoglaziovia variegata*), inclusive, é um dos símbolos do povo Kapinawá e eles o utilizam quando dançam o toré. Depois de Ronaldo concluir a elaboração da cesta colocamos dentro algumas frutas que carregávamos para nosso lanche, continuamos catalogando os registros rupestres, e um dos grafismos na parte mais extrema do sítio era inclusive um círculo concêntrico (Figura 2), bem no alto do paredão rochoso.



**Figura 2.** Círculo concêntrico no sítio “Guardião”. Fonte: Otaviano (2019).

Colocamos a cesta cheia de frutas no chão formado por uma areia muito fina. Finalizamos o trabalho e seguimos para o sítio Toca do Gato, a alguns metros dali. A cesta que estava no chão de areia fina foi retirada do local e para a surpresa das pessoas não indígenas da equipe vimos que a marca que ela deixou no chão era muito semelhante a um círculo concêntrico (Figura 3):



**Figura 3.** Marca vetORIZADA do fundo da cesta em comparação ao círculo concêntrico. Fonte: Otaviano (2021).

A comparação realizada com o carimbo do fundo da cesta na areia e com o círculo concêntrico foi instantânea. Nesse momento chamamos o Ronaldo para ver aquilo e ele tranquilamente disse: “Mas se você pedir para alguém mais velho desenhar uma cesta, ele vai desenhar assim”. E além dos círculos concêntricos sozinhos, existem também aqueles que possuem um apêndice junto a ele, como mostra a imagem da (Figura 4).

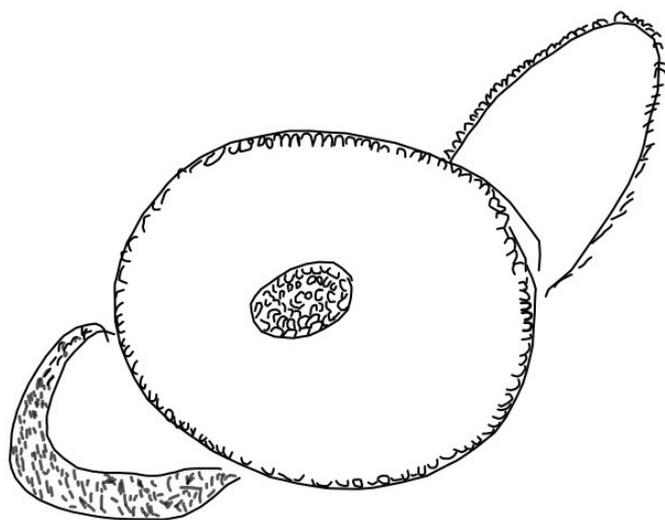


**Figura 4.** Círculo concêntrico com alça e antropomorfo, sítio “Loça dos Caboclos”. Fonte: Otaviano (2019).

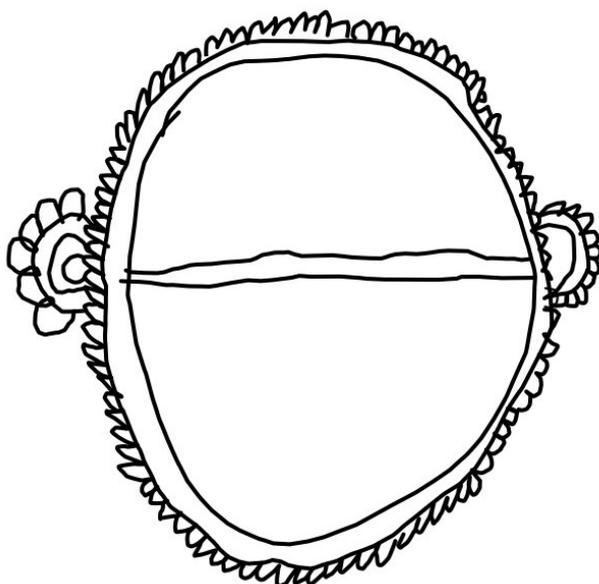
Desta forma, para o repertório cultural dos Kapinawá, os círculos concêntricos representavam cestas. Esta questão da associação entre círculos concêntricos e a representação de objetos de uso cotidiano foi discutida por Berta Ribeiro (2000) no repertório mítico e simbólico de alguns povos indígenas no Brasil, como no caso dos Tukano.

Círculos concêntricos marcam o lugar onde um espírito colocou o bocal de sua sarabatana no solo; uma impressão dupla marca o local onde outro se sentou para descansar; ou o desenho do esboço de um artefato comemora a ocasião em que um desses espíritos concebeu pela primeira vez um cesto, um instrumento musical ou uma armadilha de peixe (REICHEL-DOLMATOFF *apud* RIBEIRO, 2000, p. 44).

Nesse sentido, conversamos com membros da etnia Kapinawá buscando entendimentos sobre esse tipo de desenho. Para tanto, pedimos para o Sr. Arlindo e para a Dona Dôra, nossos mediadores nessa ação, para realizarem desenhos de cestas (Figuras 5 e 6).



**Figura 5.** Desenho do Sr. Arlindo Kapinawá. Fonte: Otaviano (2019).



**Figura 6.** Desenho da Dona Dôra Kapinawá. Fonte: Otaviano (2019).

Após a realização dos desenhos, no transcorrer da nossa conversa, mostramos algumas imagens de círculos concêntricos encontrados nos sítios localizados no território Kapinawá. Sem dizer nada, ficamos observando a apreciação das fotos, o Sr. Arlindo, ao ver os círculos, falou tranquilamente apontando para as fotos: “Aqui as cestas que os caboclos faziam, é igual a minha”. Dona Dôra também confirmou quando viu as imagens, associando-as às cestas.

Assim, para o Sr. Arlindo e Dona Dôra, bem como para Ronaldo, os círculos concêntricos, classificados por nós como grafismos puros, não figurativos ou sem reconhecimento são percebidos pelas pessoas Kapinawá como desenhos das cestas que eram confeccionadas por seus antepassados. Além disso, tanto a forma de representação quanto os modos de confecção destes objetos são vistos como evidências ou são acionados como demonstração da vinculação genealógica dos atuais Kapinawá com os “caboclos que pintaram os letreiros”.

Como analisado por Costa (2016) e Costa e Lima (2016), ao compararmos o material trançado proveniente dos sítios Alcobaça e Furna do Estrago, em Pernambuco, com aqueles produzidos pelos artesãos Kapinawá, observamos que a técnica torcida, predominante nos contextos arqueológicos analisados, já não é mais empregada pelos Kapinawá (COSTA; LIMA, 2016, p. 146 e COSTA, 2016, p. 215), que, atualmente, confeccionam “cestos cargueiros de cipó caboclo, chapéus e alguns objetos simples de palha de ouricuri e babaçu, a partir da técnica cruzada” (COSTA; LIMA, 2016, p. 145 e COSTA, 2016, p. 213).

Entretanto, é preciso esclarecer que a técnica cruzada também foi identificada na coleção da Furna do Estrago, possivelmente na produção de esteiras (COSTA, 2016, p. 104); além disso, observou-se em um artefato “torcido” no centro “um padrão de estrela” formado pela sobreposição de fileiras da urdidura (COSTA, 2016, p. 98-99). O referido padrão remete ao “tipo tecnológico básico” de começos de trançados designado por Berta Ribeiro de “umbigo asterisco”, que “é obtido dispondo-se os elementos da urdidura em posição radial e envolvendo-os com uma trama. Paulatinamente vão sendo adicionadas novas talas ao urdume” (RIBEIRO, 1985, p. 60) e pode ser identificado tanto em cestos com trançado entrecruzado como com trançado entretorcido (RIBEIRO, 1985, p. 74).

Cabe ressaltar que os cestos cargueiros produzidos pelos Kapinawá, assim como a pequena cesta confeccionada em campo por Ronaldo, são trançados a partir do “umbigo asterisco”, o que confere à base destes objetos um padrão radial que remete à forma dos círculos concêntricos observados nos registros rupestres da área.

Estamos cientes de que, numa perspectiva acadêmica, essas similaridades precisam ser problematizadas com maior profundidade, todavia, tal como sugerido por Costa (2016, p. 228) e Costa e Lima (2016, p. 149), acreditamos que o cenário apresentado em nossa vivência de campo também pode contribuir para o quadro hipotético “sobre a existência de continuidades tecnológicas entre grupos pretéritos e povos indígenas atuais”, sendo esta uma premissa que é aceita e defendida pelo povo Kapinawá, como buscamos apresentar ao longo do texto.



**Figura 7.** Imagem da cesta. Fonte: Otaviano (2021).

Essa simbologia, ligada à identidade Kapinawá, presente nas rochas, associada à etnogênese de seu povo, foi acessada por meio da evidência das vozes, dos saberes e dos diferentes modos de ver, perceber e interpretar o mundo. Esse processo de construção da identidade Kapinawá foi uma estratégia política adotada para subsidiar uma luta territorial e por reconhecimento étnico. Para essa formação identitária, o território e a história do grupo fizeram-se importantes para a corroboração dos ideais defendidos.

Segundo Oliveira (1999), a noção de territorialização é entendida a partir do processo de reorganização social, que implica:

- 1) a criação de uma nova unidade sociocultural mediante o estabelecimento de uma identidade étnica diferenciadora;
- 2) a constituição de mecanismos políticos especializados;
- 3) a redefinição do controle social sobre os recursos ambientais;
- 4) a reelaboração da cultura e da relação com o passado. (OLIVEIRA, 1999 p. 55).

Partindo das implicações expostas acima, pode-se observar, no percurso histórico de reelaboração cultural Kapinawá, a criação da nova unidade sociocultural. A reelaboração da cultura Kapinawá e consequente relação com o passado, além de envolver a aprendizagem do toré, utilizou-se também dos espaços sagrados, onde há a presença materializada de seus ancestrais em pinturas e enterramentos.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos lugares que chamamos, na arqueologia, de sítios arqueológicos têm para as comunidades outros nomes. Por exemplo, na Terra Indígena dos Kapinawá, os sítios são as Furnas do/com Letreiros ou Furna dos Caboclos.

Mas, além de nomes diferentes, estes espaços têm também diferentes significados. Enquanto, para a pesquisa arqueológica, estes lugares servem para obtenção de informações para a compreensão do fenômeno humano no passado; para os Kapinawá, são espaços que materializam a presença ancestral e falam sobre sua identidade.

As Furnas dos Caboclos estão entrelaçadas a uma memória e a uma identidade Kapinawá, segundo Castro (2009): “A memória é um elemento essencial das identidades coletivas e individuais, produtos de processos que ocorreram em tempos e espaços determinados. Todo passado tem memória e toda memória possui características próprias: as identidades” (CASTRO, 2009, p. 53).

A identidade Kapinawá se entrelaça a uma memória que está registrada nas rochas. Os materiais perecíveis, que muitas vezes não são encontrados no registro arqueológico, permanecem duradouros em suas memórias. Acessar essas memórias dos registros rupestres pela interpretação de antigos Kapinawá nos fez perceber que a arqueologia multiplica suas formas de ver o passado quando abre sua visão para as pessoas do presente e os ouvidos sobre o que elas têm a dizer.

Os registros geométricos, por exemplo, que por tanto tempo permaneceram incógnitos para a academia, podem agora ser entendidos, através dos olhares Kapinawá, de uma forma diferente, fazendo-nos acessar uma dimensão utilitária dos materiais, suas técnicas de confecção e suas representações nas rochas. Um saber fazer duradouro que não se preserva enquanto material a ser exumado, mas que está registrado nas rochas e nas memórias.

#### AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao povo Kapinawá, em especial aos nossos interlocutores, Dona Mocinha, Dona Dôra, Sr. Arlindo (que encantou) e Araci por disporem de seu tempo e conhecimento; por nos proporcionarem ensinamentos e sua visão, além de toda generosidade para com a equipe de arqueologia e, especialmente, por nos receberem em seu território.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIAR, Alice. *A Tradição Agreste: Análise de 20 sítios de arte rupestre em Pernambuco*. Dissertação. (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1986.
- AGUIAR, Alice. Tradições e Estilos na Arte Rupestre no Nordeste Brasileiro. *Revista CLIO*, n. 5. UFPE, Recife, p. 91-104, 1982.
- AMARAL, Marília Perazzo Valadares. *Os sítios de registros rupestres em Buíque, Venturosa e Pedra (PE) no contexto da geopaisagem*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

- ALFONSO, Louise Prado. *Arqueologia e Turismo: sustentabilidade e inclusão social*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- BOADO, F. Criado. *Arqueológicas. La razón perdida*. Barcelona: Bellaterra, 2012.
- CABRAL, Mariana. Petry. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- CASTAÑEDA, Quetzil. The 'ethnographic turn' in archaeology: research positioning and reflexivity in ethnographic archaeologies. In: CASTAÑEDA, Q.; MATTHEWS, C. (eds.). *Ethnographic archaeologies: reflections on stakeholders and archaeological practices*. Plymouth: Altamira Press, p. 25-61, 2008.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. *Cultura com aspas e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.
- CASTRO, Viviane Maria Cavalcanti de. *Marcadores de identidades coletivas no contexto funerário pré-histórico no Nordeste do Brasil*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009.
- COSTA, Rodrigo Lessa. *Palha e tala: estudo da tecnologia do trançado entre grupos pré-históricos brasileiros*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2016.
- COSTA, Rodrigo Lessa; LIMA, Tânia Andrade. A arte e a técnica de trançar na pré-história de Pernambuco: a cestaria dos Sítios Alcobaça e Furna do Estrago. *Clio Arqueológica*, v.31, n.2, p. 102-152, 2016.
- GNECCO, Cristóbal. Arqueología multicultural: notas intempestivas. *Complutum*, v. 23, n. 2, p. 93-102, 2012.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. De la etnoarqueología a la arqueología del presente. In: SALAZAR, Juan Bonet; DOMINGO, Inés; AZKÁRRAGA, José Maria; BONET, Helena (coords.). *Mundos Tribales: una visión etnoarqueológica*. València: Museu de Prehistòria de València, p. 16-27, 2008.
- GONZÁLEZ-RUIBAL, Alfredo. Prefácio III. In: CAMPOS, J. B.; RODRIGUES, M. H. S. G. FUNARI, P. P. A. (Orgs.). *A multivocalidade da arqueologia pública no Brasil: Criciúma/SC*: Editora UNESC, 2017.
- GUEDES, Carolina M. *A semântica dos signos na arte rupestre: estruturas da cognição*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- GUIDON, Niéde. Tradições rupestres da área arqueológica de São Raimundo Nonato, Piauí, Brasil. *Clio Arqueológica*, n. 5, p. 05-10, 1989.
- HODDER, Ian. Multivocality and social archaeology: evaluating multiple narratives. In: HABU, J.; FAWCETT, C.; MATSUNAGA, J. M. (Eds.) *Evaluating multiple narratives: beyond nationalist, colonialist, imperialist archaeologies*. New York: Springer, p. 196-200, 2008.
- INSTITUTO BRASILEIRO DO MEIO AMBIENTE E DOS RECURSOS NATURAIS RENOVÁVEIS (IBAMA). Decreto, s/n, de 13 de dezembro de 2002. Dispõe sobre a criação do

- Parque Nacional do Catimbau, nos Municípios de Ibimirim, Tupanatinga e Buíque, no Estado de Pernambuco, e dá outras providências. Brasília, 2002.
- ISNARDIS, Andrei. *Entre pedras: as ocupações pré-históricas recentes e os grafismos rupestres da região de Diamantina, Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, 2009.
- JOHNSON, Matthew. *Teoría arqueológica: una introducción*. Barcelona: Ariel, 2000.
- LIMA, Manuel Gustavo Souto Maior de. *Estudo arqueobotânico dos restos alimentares silvestres do sítio arqueológico Alcobaça, Buíque-PE*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia), Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, UFPE, 2009.
- LEWIS-WILLIAMS, David. *The mind in the cave*. London: Thames & Hudson, 2004.
- MARTIN, Gabriela. As pinturas rupestres do Sítio Alcobaça, Buíque-PE, no contexto da tradição agreste. *Clio Arqueológica*, v. 1, n. 18, p. 27-49, 2005.
- MARTIN, Gabriela. *Pré-história do Nordeste do Brasil*. 5. ed. Recife: Editora UFPE, 2008.
- MERRIMAN, Nick. Introduction: diversity and dissonance in public archaeology. In: MERRIMAN, N. (Ed.). *Public Archaeology*. London; New York: Routledge, 2004, p. 01-18.
- MITHEN, Steven. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- NASCIMENTO, A.; ALVES, C.; LUNA, S. O Sítio Arqueológico Alcobaça, Buíque – Pernambuco: primeiros resultados. *Clio Arqueológica*, n. 11, p. 87-98, 1995-1996.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Nascimento. *O sítio arqueológico Alcobaça, Buíque, Pernambuco*. Estudos das estruturas arqueológicas. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.
- OLIVEIRA, Ana Lúcia Nascimento. O Sítio Arqueológico Alcobaça: Sítio Referência no Vale do Catimbau - Buíque - PE. *Clio Arqueológica*, n. 21, v. 2, 2006.
- OLIVEIRA, João Pacheco. (org.) *A Viagem da Volta: Etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena*. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1999.
- OTAVIANO, Mariana Zanchetta. *Não tem certo, não tem errado: estratigrafia das vozes, significados e apropriações da cultura material na comunidade da Aldeia da Mina Grande – T.I Kapinawá (PE)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Universidade Federal de Pernambuco, 2019.
- PROFESSORAS e PROFESSORES KAPINAWÁ. *Kapinawá Território, Memórias e Saberes*. Olinda. Centro de Cultura Luiz Freire, 2016.
- PROUS, André. As categorias estilísticas nos estudos da arte pré-histórica: arqueofatos ou realidades? *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*. São Paulo, Universidade de São Paulo. Suplemento 3, 251-261, 1999.
- PALITOT, Estevão. Martins; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre Santos. *Índios do Nordeste (AL, PE e PB)*. Relatório de viagem. Campina Grande: Laboratório de Etnicidade, Cultura e Desenvolvimento, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 55-152, 2002.

- PESSIS, Anne-Marie. Métodos de interpretação da arte rupestre: análises preliminares. *Clio Arqueológica*, n. 1, p. 99-107, 1984.
- PESSIS, Anne-Marie. Identidade e Classificação dos Registros Gráficos Pré-históricos do Nordeste do Brasil. *Clio Arqueológica*, n. 8, p. 35-68, 1992.
- PESSIS, Anne-Marie. *Imagens da Pré-história: Parque Nacional Serra da Capivara*. FUMDHAM/PETROBRAS. 2003.
- RIBEIRO, Berta. *A Arte do trançado dos índios do Brasil: um estudo taxonômico*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi; Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Folclore, 1985.
- RIBEIRO, Berta. A mitologia pictórica dos Desâna. In: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. 2. ed. São Paulo: Studio Nobel; FAPESP; Editora da USP, p. 35-52, 2000.
- RIBEIRO, Loredana. *Os significados da similaridade e do contraste entre os estilos*. Um estudo regional das gravuras e pinturas do Alto-Médio São Francisco. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, 2006.
- SAMPAIO, José Augusto Laranjeiras. De caboclo a índio: etnicidade e organização social e política entre povos indígenas contemporâneos no nordeste do Brasil; o caso Kapinawá. *Cadernos do Laboratório de Estudos em Movimentos Étnicos*, v. 3, n. 2, p. 88-191, 2011.
- SILVA, Fabíola Andréa. Etnoarqueologia: uma perspectiva arqueológica para o estudo da cultura material. *Métis: História & Cultura*, v. 8, n. 16, p. 121-139, 2009.
- SILVA, Fabíola Andréa. Arqueologia de contrato e povos indígenas: reflexões sobre o contexto brasileiro. *Revista de Arqueologia*, v. 28, n. 2, p. 187-201, 2015.
- SILVA, Josilene Henriques; MAIA, Fabiana Britto de Azevedo. O turismo no Parque Nacional do Catimbau: avaliação dos benefícios da atividade percebidos pelos moradores. *Revista Turismo e Ação*, v. 10, n. 02, p. 204-220, 2008.
- SOLARI, A; ALVES-PEREIRA, A. B; ESPINOLA, C. S; MARTIN, G; COSTA, I. P; SILVA, S. S. M. DA. Escavações arqueológicas no abrigo funerário Pedra do Cachorro, Buíque - PE. *Clio Arqueológica*, v. 31, n. 01, p. 105-135, 2016.
- SOLARI, A; SILVA, S. S. M. DA. Sepultamentos secundários com manipulações intencionais no Brasil: um estudo de caso no sítio arqueológico Pedra do Cachorro, Buíque, Pernambuco. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, v. 12, n. 1, janeiro-abril, p. 135-155, 2017.
- WYLIE, Alison. The Reaction against Analogy. Source: *Advances in Archaeological Method and Theory*, v. 8, p. 63-111, 1985.